

A Colina dos seringais

Os japoneses estão mudando o destino dos seringais da Malásia. Em vez do látex, eles que rem a madeira das seringueiras para fazer móveis. Bom para a cidade de Colina, o segundo município produtor da região de Ribeirão Preto, que em 800 hectares, tem 30 mil árvores novas e 320 mil em produção, que forneceram 1,05 mil toneladas de coágulo para a indústria no ano passado.

E tudo começou em Colina, quando o governo de São Paulo decidiu incentivar a produção de látex a partir de lavouras novas no Norte e no Nordeste do Estado. Pouco antes, Joaquim do Val já havia tentado, mas desistiu. Quando a Secretaria da Agricultura renovou o aceno, em 1959, Eugênio Gomes do Val apostou e venceu. Hoje, a Fazenda Santa Helena, conduzida pela viúva de Eugênio, dona Helena, e pelas filhas, Helena Maria Lara Nogueira, Maria Cristina Gasparian, Maria Lúcia e Helena tem 100 mil seringueiras e uma usina de beneficiamento do látex.

A história dos japoneses é contada por Maria Lúcia: “A madeira dessa árvore é clara como o marfim e serve para a fabricação de móveis, pisos, escadas... é linda. E na Malásia, os seringueiros são pequenos sítios que levam uma vida muito sacrificada. Toda a produção tem de ser vendida para as usinas – todas estatais —, que pagam pouco pelo produto. Agora, esses sítios estão trocando os seringais pelo trabalho nas fábricas de móveis dos japoneses.”. Essa é uma das causas do preço tão baixo do látex da Malásia entrar no Brasil, tirando a competitividade dos produtores brasileiros.

O Brasil consome 225 mil toneladas de látex por ano e só produz 88 mil, num mercado

mundial de 6,8 milhões de toneladas, dominado pela Tailândia, Indonésia, Malásia, China e Índia, explica o empresário João Sampaio, dono da Interlátex, de Barretos, que processa 340 toneladas por mês de borracha seca, equivalentes a 700 toneladas de coágulo.

Sampaio e as do Val concordam que o momento é de estabilidade, depois de um período crítico que durou até 1999. Para compensar a desvantagem diante do produto importado, o governo criou o Plano de Escoamento da Borracha (PEB). “Hoje, dos R\$ 0,85 que o produtor recebe pelo quilo do coágulo de sete dias, R\$ 0,31 são subsidiados”, afirma ele. Maria Lúcia diz que o plano tem duração de oito anos, está no quarto e a partir de 2002, o incentivo terá redução de 20% ao ano, até se extinguir.

Os seringais dividem a força do agronegócio de Colina com a cana e a laranja. São 200 empregos diretos, mas na cadeia produtiva, cada emprego na lavoura representa seis na cidade, de 16.700 habitantes, contabiliza o agrônomo Fernando Benezzi, da Casa da Agricultura de Barretos. “E empregos estáveis, acrescenta o prefeito Dieb Taha, baseado no ‘des-canso’ anual que trabalhadores e seringueiras têm a partir da segunda quinzena de julho, até o fim de agosto. Mais: a maior parte deles mora na cidade, ajudam a sustentar o comércio... Graças a Deus temos a borracha.” A partir da sangria, a cadeia produtiva se completa com o transporte do látex para a usina de beneficiamento, dela para a indústria e daí para o comércio.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, av. Senador César Vergueiro, 540, sala 1, CEP 14020-510, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3916-1906 e 621-4422. E-mail: abag.rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTB 15.626. Editoração eletrônica: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares

Agro**negócio**

Ano 2, nº 6, maio 2001

Publicação oficial



Reserva legal. Com reservas

ABAG/RP levou a todos os poderes do País sua preocupação e sugestões sobre o projeto em debate na Câmara dos Deputados que visa a regulamentar o uso do solo agrícola. A meta é que se estabeleçam, em primeiro lugar, o zoneamento econômico e ecológico e, depois, o alcance da legislação, seguindo o princípio indiscutível de que terra cultivável é para ser cultivada. Como está, o projeto mostra uma falha que todos percebem ao analisá-lo: ele não tem critério para determinar os limites de abrangência da nova lei. E verifica-se que ele não se baseia em um diagnóstico que considere princípios elementares, como capacidade do uso do solo, condições climáticas e ambientais nem zoneamento agrícola.

É necessário que a nova legislação parta de um estudo legítimo, isento e fundamentado cientificamente, que defina o quê e quanto preservar, recompor, cultivar. O próprio governo dispõe de instrumentos para realizar essa tarefa, concentrados no Núcleo de Monitoramento Ambiental por Satélites da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), situado em Campinas. Consultadas formalmente pela ABAG/RP, a direção do NMA e a Presidência da Embrapa informam que concordam com o ponto de vista da ABAG/RP e adiantam que dispõem de exemplos de trabalhos realizados com êxito em Rondônia, Maranhão e Tocantins.

Exibido como exemplo pelo NMA para a ABAG/RP, o estudo sobre Tocantins revela informações aprofundadas de quanto aquele Estado pode produzir, com que atividades, nível e tipo de ocupação e até quanto arrecadará em impostos, após a implantação de um projeto que se baseia em critérios técnicos e respeita a vocação agrícola da região.

A ABAG/RP levou essa realidade ao presidente e ao relator da Comissão Mista do Congresso Nacional, que examinam a Medida Provisória, e aos ministros Pratini de Moraes, da Agricultura, e José Sarney Filho, do Meio Ambiente. O ministro Pratini de Moraes afirmou: “Talvez, esta seja a possibilidade de se resolver a questão de forma técnica e não política.”

No contato com as autoridades, a diretora-executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, informou que não se pode submeter o produtor a uma lei em que ele fica responsável e paga impostos por uma área em que não pode produzir, é obrigado a pagar por sua recomposição e ainda responde por danos provocados por terceiros.

Editorial

E A NOSSA ENERGIA?

O Brasil apresenta-se hoje como um refém da energia. Significativa parcela das fontes de energia usadas pelos brasileiros vem de fora. Além do petróleo importamos gás natural da Bolívia e eletricidade da Argentina, Venezuela e Paraguai.

Neste contexto da certeza de apagões, retração de crescimento, instabilidade de empregos, caos no trânsito, pavor nos elevadores, risco de vida nos hospitais, suspensão de eventos noturnos - o “circo” do povo, já que o “pão” pode faltar por cortes de luz na padaria - chama a atenção o fato de que a alternativa energética mais limpa, mais barata, renovável e abundante não faça parte da matriz energética brasileira.

Algumas multinacionais ligadas ao ramo de eletricidade, que operam no Brasil, adquirem a energia co-gerada pelo segmento sucroalcooleiro. Até mesmo a ENROM que detém a maior quilometragem de gasodutos do mundo se interessa, compra e usa esta energia.

O assédio multinacional em cima deste subproduto do agronegócio, o bagaço de cana, deveria servir de alerta ao governo. E não apenas os produtores, por seu peso no setor, mas também a sociedade deveriam impor a inclusão desta alternativa na matriz energética do País.

Recentemente o BNDES anunciou a liberação de R\$ 250 milhões para investimentos em co-geração. De que adianta liberar a verba se o empresário rural depois de realizar o investimento, adequando toda a sua planta fabril e contratando profissionais especializados para a nova atividade, deparar-se com o descaso do governo, da mesma forma como ocorreu com o álcool combustível? A lição vivida com o Proálcool, que também nunca integrou a matriz energética brasileira, ainda está bem viva na memória de todos.

Este é apenas mais um exemplo de como a falta de uma política agrícola de longo prazo, consistente com a dimensão do agronegócio no País, inibe as ações do setor e seus reflexos acabam recaindo sobre os consumidores. Somente diante de um programa sério, que não traga surpresas desagradáveis no futuro, será possível enxergar uma “luz” no final do túnel.

Mônica Bergamaschi
Diretora-executiva da ABAG/RP

“... Com a robótica, o padrão rígido do fordismo vem aos poucos desaparecendo; com a modernização, as empresas buscam maior qualificação dos trabalhadores, e com as máquinas, a produção é muito mais rápida e qualificada. O robô humano perde seu emprego para o robô cibernético. Mas o avanço não foi só nas indústrias, mas também na agricultura.” Priscila Francine Pereira, E. E. “Profª Nelly Bahdur Cano” – Monte Alto

“... Outro setor da terceira Revolução Industrial é a biotecnologia, pois sua importância é enorme e o seu grande impacto tem se dado na agropecuária, na produção de alimentos e matérias-primas. Para o futuro, a grande possibilidade é o enorme aumento de produção de alimentos em um meio artificial, sem necessidade do solo, do meio rural.” Josiane de Cássia Simoni, E. E. “Profª Nelly Bahdur Cano” – Monte Alto

“... A terceira Revolução Industrial é marcada pela robótica, informática e tecnologia, modificando totalmente o mercado de trabalho, pois as pessoas estão sendo substituídas por máquinas; e se elas quiserem ficar em seu prego, serão obrigadas a aderir também à tecnologia e aprender a trabalhar nesse novo mundo.” Flávia R. Maria, E. E. “Profª Nelly Bahdur Cano” – Monte Alto

“... A dívida do terceiro mundo é muito grande, mas mesmo assim não impediu de a tecnologia se suceder através da ciência, que faz muitos trabalhos e pesquisas específicas, tanto na vida humana quanto na tecnologia, graças também à Revolução Industrial, pois foi a partir dela que a natureza foi sendo profundamente modificada; mas todo esse processo levou ao grande problema atual de poluição, de degradação do meio ambiente, pois o grau de transformação da natureza varia conforme o nível tecnológico de cada sociedade humana.” Delcilaine Raymundo, E. E. “Profª Nelly Bahdur Cano – Monte Alto

“... Estão até substituindo madeira por bagaço de cana, que além de mais barato é ecologicamente correto, pois é reciclado com resíduos de indústrias de álcool e açúcar. Existem indústrias que se preocupam com o meio ambiente e estão produzindo máquinas que poluem menos. Por isso: tome consciência disso: a agricultura e o meio-ambiente são muito importantes para nós. Precisamos preservá-lo.” Tatiane Aparecido Nicolau, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

“... Já que a tecnologia está tão avançada, poderiam projetar máquinas que não interferissem no meio ambiente, passando venenos sem deixar cair no solo. Com as chuvas, esse veneno caído no solo é levado para represas e lagos, prejudicando e até matando peixes. Se o homem projetasse essa máquina, não iria prejudicar ninguém e estaria fazendo o bem para meio-ambiente e para a humanidade.” Tércio Martins, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

“... Outro fator que precisamos parar para pensar é a agricultura no meio-ambiente. Por exemplo, se jogarmos agrotóxicos em uma plantação, com as chuvas, parte desse veneno será carregada pelas águas e, certamente, irá para o rio mais próximo e o poluirá. Por outro lado, uma plantação feita corretamente trará bons resultados ao meio-ambiente e ao homem, tornando o solo rico e cada vez mais fértil.” Gabriela Cabral Fernandes, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

“... O objetivo da tecnologia é construir máquinas que promovam o desenvolvimento sócio-rural e que possibilitem a conservação ambiental e evitem riscos à saúde humana. Através dessas máquinas, há uma pequena geração de empregos mais qualificados e melhoria da condição de vida dos homens do campo. A agricultura é uma das áreas mais importantes para o ser humano.” Eliziane Alves Ferreira, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

O Agronegócio vai à escola

O projeto é uma parceria entre a ABAG/RP e a Diretoria Regional de Ensino da Secretaria Estadual da Educação em Jaboticabal. Abrange cerca de dois mil alunos da Primeira Série do Ensino Médio, para levar à escola noções do Agronegócio e a importância desse setor para o futuro desses jovens



“... Às vezes, o solo desgasta, porque agricultores queimam as terras para limpar o terreno. A queimada destrói as substâncias nutritivas naturais do solo. Aí, quando for plantar, o agricultor não obterá grandes resultados, pois as plantas não terão absorvido os nutrientes que seriam precisos para o seu completo desenvolvimento.” Carolina Guimarães Fracaso, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

“... Os tratores, então, cada vez mais avançados, possantes, contando até mesmo com direção hidráulica e ar-condicionado, tudo isso feito para o conforto e bem-estar das pessoas que trabalham com essas máquinas. Por outro lado, quando olhamos o trabalhador rural, através de sua sofrida mão-de-obra, este é prejudicado, perdendo cada vez mais oportunidades de trabalho.” Rafaela Fernandes Servidone, E. E. “Dr. Joaquim Batista” – Jaboticabal

“... A tecnologia deve estar sempre presente no trabalho, afinal é ela que nos mostra o crescimento, qualidade, economia e tudo o que de novo existe. Podemos encontrar tudo isso, ou parte disso, quando visitamos, por exemplo, a Agrishow. A cada ano nos deparamos com novidades e isso facilita a vida. Só não podemos substituir o homem pela total tecnologia, pois geraria um desequilíbrio significativo em nossas vidas.” Carla Morelo Furigo, E. E. “Profª Rosa Mari Sousa Simielli” – Jaboticabal

“... Misturando o interesse de novas gerações por novos cursos, com tecnologia avançada, certamente teremos cursos profissionalizantes nessas áreas, aumentando assim sua procura e gerando profissionais competentes para um novo mercado de trabalho. Podemos ser advogados de nosso negócios, doutores das nossas terras, agrônomos das mesmas etc...” Dalila C. Souza, E. E. “Profª Rosa Mari Sousa Simielli” – Jaboticabal

“... Continuemos fazendo fila, mas em associações que nos ajudem, no banco do povo, onde podemos conseguir capital para a realização de nossos sonhos, em feiras de visitas, onde a tecnologia nos mostre novas diretrizes.” Flávia Ramazoto, E. E. “Profª Rosa Mari Sousa Simielli” – Jaboticabal

“... Se as pessoas não se conscientizarem do que estão fazendo com o meio-ambiente, brevemente não teremos mais florestas, rios e nem boas terras para se plantar, porque o desmatamento e o uso abusado de agrotóxicos pelo homem vão destruir a natureza e a ele próprio!!!” Andrezza Cecília de Camargo, E. E. “José Pacífico” – Guariba

“... A agricultura em nosso país é bem rica, o meio agrícola tem tido muitos avanços e, com o passar dos anos, a tecnologia tem influenciado bastante na evolução que está acontecendo. Hoje em dia, em vez de homens preparando a terra, existem máquinas preparadas para fazer somente este serviço. Já não é tão demorada a colheita...” Josiane Viana de Figueiredo, E. E. “José Pacífico” – Guariba

“... O meio-ambiente deve ser preservado não somente através das leis, mas também pela vontade dos agricultores e da sociedade para a preservação de várias espécies em extinção, tanto espécies animais quanto vegetais.” Jaqueline Daiana Ribeiro, E. E. “José Pacífico” – Guariba

“... No mundo em que vivemos hoje, marcado pela globalização, estamos enfrentando vários problemas, dentre eles o desemprego estrutural causado pelo avanço tecnológico, o inchaço urbano ocasionado pela mecanização da agricultura e a deterioração do meio-ambiente.” Juliana Corrêa Leite Nogueira, E. E. “José Pacífico” – Guariba

“... Conservando desta forma o meio-ambiente, a tecnologia tem ajudado cada vez a agricultura, mas é uma das grandes causadoras do desemprego, pois os funcionários da lavoura estão sendo substituídos por máquinas.” Tânia M. Tavares, E. E. “José Pacífico” – Guariba

“... Antes o homem, para poder plantar, modificava o ambiente natural, desmatando, provocando queimadas, sem a preocupação com o solo. Hoje, esta situação está mudando. O equilíbrio do meio ambiente e sua preservação vêm preocupando alguns agricultores e os incentivando na criação de novas técnicas, que visam a elaboração de tecnologias mais limpas e saudáveis.” Geslaine Silvério da Silva, E. E. “Dr. Luiz Zacharias de Lima” – Monte Alto

“... Gostaríamos de que, no futuro, o homem pudesse realizar uma tecnologia que tivesse um custo viável aos agricultores com poder aquisitivo menor, usando para tanto novas técnicas que promovessem um equilíbrio e os seus maiores patrimônios: o solo e a água.” Simone Lizeo, E. E. “Dr. Luiz Zacharias de Lima” – Monte Alto

“... Podemos observar também uma grande quantidade de agrotóxicos, presentes no solo, prejudicando a saúde do próprio homem, que visando um lucro maior não se importa em tomar cuidados ao preparar a terra para o plantio. O homem busca dentro da modernidade alterar geneticamente alguns elementos, o que não é bem aceito pela sociedade (alimentos transgênicos).” Laura Vital Zavatti, E. E. “Dr. Luiz Zacharias de Lima” – Monte Alto

“...A agricultura que não se preocupou, no começo, com a questão ambiental, apenas com o lucro rápido, agora está se conscientizando a fim de proteger o solo e as águas, utilizando novas técnicas como inseticidas e fungicidas biológicos, que não causam mal aos seres vivos nem ao meio-ambiente.” Ana Maria Paula, E. E. “Dr. Luiz Zacharias de Lima” – Monte Alto

“... É preciso usar tecnologia, sim, todavia de uma forma que nos traga benefícios e tranqüilidade e não problemas e preocupações. Um futuro melhor para o terceiro milênio está em nossas mãos. Não vamos cometer os mesmos erros do passado para descobriremos que é tarde demais.” Taizi Cristina Simão, E. E. “Dr. Luiz Zacharias de Lima” – Monte Alto